

DIALÉTICA BINÁRIA DE DIEGO DE LOS CAMPOS

Anna Karoline de Moraes Silva

Querida Clara,

Escrevo esta pequena carta não apenas para a menininha de seis anos que eu conheço agora. Espero que as muitas Claras que estão por vir também possam ler, compreender e retornar à experiência que tivemos juntas ao visitar uma exposição. Algumas questões não me saíram da cabeça quando deixamos o museu naquela noite, e você me fez compreender tantas questões complexas sobre a vida com estes olhinhos de criança, que não seria justo não escrever e te contar sobre elas. Por isso, compartilho com você o que venho pensando, e espero que mais vezes possamos vivenciar estas experiências juntas.

Que barulho era aquele que vinha daquela sala no final do corredor?

Daquela sala de exposições, podíamos escutar ruídos sutis de pequenos motores em atividade. Ora exaltados, ora quase parados, mas sempre com alguma ação. Seria uma máquina em atividade? Ou seriam pequenas máquinas? O que elas estariam fazendo? A que elas se destinavam?

Ao entrar na sala comprida e iluminada, três paredes estavam tomadas por pares de objetos fixados um pouco acima da altura dos olhos. Aos olhos de uma criança talvez fosse preciso ficar um pouquinho na ponta do pé. De um lado, dois cubos vazados feitos em madeira com bonecos articulados dentro, dançando, performando e se jogando no palquinho manipulados por uma vareta e uma linha acionadas por um motor, cada um com um ritmo próprio de se movimentar. Na frente deste par, outros dois bonecos, que, diferente dos primeiros, não estavam presos em caixas: um se encontrava preso a um motor que girava como um relógio situado na cintura do boneco, e o outro, manipulado também por uma vareta e uma linha dançando de forma bem desajeitada em um pequeno palco movimentos controlados por um motor (Figura 2), com fios e leds que acendiam e apagavam. Ao fundo da sala duas máscaras feitas de papelão se movimentavam e simulavam uma conversa, cada uma no seu ritmo, travando movimentos de uma longa discussão, em um diálogo sem fim, aparentemente analisando, julgando ou discutindo o destino daqueles corpos.

Esta descrição era como se apresentava a exposição Dialética Binária de Diego de los Campos, uruguaio que vive no Brasil a cerca de vinte anos. O artista desenha, faz esculturas, máquinas de desenhar, cria programas no computador, e para esta exposição, que aconteceu no Museu Victor Meirelles em Florianópolis, no mês de Abril de 2018, esculpiu os bonecos de madeira e modelou máscaras e um boneco com papelão, e os colocou dentro de um cubo de madeira ou de um pequeno palco. Além disso, instalou um motor em sua cintura para que o boneco ficasse girando sem parar (Figura 1). Tudo isso enquanto duas máscaras discutiam uma conversa sem fim. Quem são esses bonecos? E estas máscaras? Por que os bonecos estão manipulados por estas varetas? Eles estariam presos?

_MG_0296

Figura 1. Diego de los Campos. Escultura cinética em papelão e motor. 30x20x15cm. 2017. Fonte: do artista.

Dos gregos, a dialética e os mitos.

Começando pelo título, Diego de los Campos utiliza o termo Dialética Binária. Binário seriam os dois lados da discussão, enquanto que dialética, além de poder ser entendida como um sistema de se compreender a realidade, um filósofo grego chamado Sócrates explicava que Dentro da mitologia grega, existiu um deus chamado Prometeu. Ele ficou conhecido por dar aos mortais o que os deuses chamavam do fogo do conhecimento. Com isto, os seres humanos desenvolveram a inteligência, diferenciando-se dos animais, o que gerou muito medo entre os deuses depois, levando Prometeu a receber punições severas com isso. O pai de Prometeu se chamava Japeto. Seu nome se assemelha ao de Gepetto, o pai carpinteiro que criou um boneco chamado Pinóquio. Toda criança conhece este personagem da ficção de Carlo Collodi escrita em 1883, que foi esculpido a partir do tronco de uma árvore, nascendo um boneco de madeira que sonhava em ser um menino de verdade. Assim como Gepetto, Diego de los Campos também cria bonecos. Esculpindo diretamente de

um tronco de madeira, Diego cria bonecos que não tem a característica de crescer o nariz caso eles mintam. Talvez eles até queiram ser meninos de verdade, mas como eles seriam meninos de verdade presos em caixas, e movimentados por uma vareta e uma linha acionado por um motor? Será que eles não souberam usar o fogo do conhecimento?

_MG_0298

Figura 2. Diego de los Campos. Escultura cinética em madeira e motor. 40x40x30cm. 2017. Fonte: do artista.

1 Hesíodo. Teogonia. A Origem dos Deuses. São Paulo: Iluminuras. 159p. 2001

Os bonecos e as máscaras.

Estes bonecos são do tamanho de um brinquedo, e apesar da tecnologia utilizada estar bem longe da tecnologia dos brinquedos atuais, os bonecos de Diego encantam as crianças. O controle das linhas e varetas sobre bonecos articulados faz com que eles não se movimentem com toda amplitude que conseguiriam, da mesma forma que sem os motores eles não estariam em movimento. O boneco e o motor atuam juntos para movimentar os corpos de madeira, ainda que seus movimentos pareçam tristes, deixando-os aparentemente sem força de ficar em pé por muito tempo. Os bonecos são arrastados, ora jogados no palco em que estão aprisionados, ora girando em um motor instalado diretamente em seus corpos. Se por um lado eles aparentam encenar uma peça ou situação dramática, causando riso para algumas pessoas, por outra eles remetem a um entendimento cruel da realidade. Isto porque enquanto estão fazendo todos esses movimentos no palco, duas cabeças parecem discutir o destino dos bonecos (Figura 3). Seriam os deuses discutindo o destino dos corpos de madeira? Prometeu não recebeu severas punições por pouco. Os deuses sabiam que se os seres humanos recebessem o fogo do conhecimento, logo eles brincariam de ser deuses. Ou pior: não protegeriam os seres de sua própria espécie para ter poder sobre eles. As máscaras que decidem o destino dos demais bonecos são também seres feitos da mesma matéria dos bonecos, mas em um lugar de autoridade, um lugar de poder sobre estes outros bonecos.

20180222-4616

Figura 3. Diego de los Campos. Escultura cinética em papelão, madeira e motor. 600x40x30cm. 2017. Fonte: do artista.

Entre o artesanal e o tecnológico.

Além desta reflexão sobre o corpo e a sociedade em que vive, existe um ponto que não pode faltar quando se fala deste trabalho de Diego de los Campos. Ao pensar a dialética binária, o artista também lembra da condição do binário do tecnológico. O binário não é só os dois lados da argumentação, mas também linguagem do sistema digital das máquinas. Tendo em mãos material e conhecimento para produzir apenas por sistemas computacionais, por que será que o artista insiste em fazer os bonecos de madeira talhados a mão, deixando com o aspecto artesanal? Talvez seja porque diante de tanta tecnologia, acabamos esquecendo que existem as pessoas que operam estas tecnologias. Mas de tão acostumados a fazer tarefas básicas do cotidiano por meio de máquinas e sistemas operacionais, deixamos de lado aquilo que é tão básico do ser humano: criar e inventar, saber manipular a matéria, conviver em um ambiente sem um celular em mãos ou com uma televisão ligada. Cada vez mais a tecnologia vem a melhorar e corrigir imperfeições – de um julgamento incerto sobre o que é ser melhor do que já está. Mas aos poucos, vamos deixando de fazer as coisas com as mãos, seja desenhar, pintar, modelar o barro. Passamos a entender que o que é feito à mão é mal feito, não incorporamos os ruídos, os erros e as rasuras que surgem ao longo do processo. Então, insistir na condição manual e artesanal, na fatura à mão, assume cada singularidade do processo. Cada desvio, cada decisão tomada no fazer, cada erro que acaba por ser incorporado. Talvez assim seja uma forma de resistir à condição binária, pois trabalhando para a excelência do ser “humano”, desenvolvendo cada vez mais tecnologias, acabamos por nos desumanizar. Em vez de usar a tecnologia para um desenvolvimento humano, utilizamos contra seres de nossas próprias espécies, representados pela sociedade atual, o poder e cada indivíduo. Se recebemos o fogo do conhecimento dos deuses há muitos e muitos anos, como utilizá-lo sem que haja desigualdades e injustiças? Dentre tantas leituras e possibilidades de conceituação, a exposição Dialética Binária de Diego de los Campos apresenta complexos

entendimentos da sociedade contemporânea. É não seria este um dos papéis da arte? Retomando questões da filosofia grega, Diego apresenta algumas condições do ser humano com bonecos talhados e modelados manualmente utilizando a tecnologia para colocá-los em movimento e permitir que eles conduzam o espectador a reflexões e argumentações, como a dialética busca a verdade.

Espero que você tenha gostado, querida Clara, aguardo ansiosa por suas reflexões!

Com amor, Mamãe

Anna Moraes (1988) é artista visual, mestranda no PPGAV/UDESC em Teoria e História da Arte, formada em Artes Visuais pela UDESC (2013) e com Pós-Graduação em Gestão Cultural pelo SENAC/SP(2015). É professora de desenho e gestora da Galeria do Nacasa Coletivo em Florianópolis. Participou de co-curadorias no Museu Cruz e Sousa e CEART/UDESC, faz curadorias de exposições coletivas na Galeria do Nacasa Coletivo Artístico, e teve curadorias aprovadas em editais da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (2018) e na Rede Sesc de Galerias/SC (2019).